



Instituto de Altos Estudios Homeopáticos  
**James Tyler Kent**

**Escuela para Graduados Alfonso Masi Elizalde**

**II ENCUENTRO INTERNACIONAL EN LATIOAMERICA  
ALFONSO MASI ELIZALDE**

**14 al 16 de Septiembre de 2007  
Buenos Aires, Argentina**

---

**IMAGINAÇÃO E AÇÃO HUMANA NA CONCEPÇÃO  
HOMEOPÁTICA ARISTOTÉLICO-TOMISTA: A COMPREENSÃO  
DA PSORA PRIMÁRIA**

**Autor:**

**Conrado Mariano Tarcitano Filho**  
[ctarcitano@yahoo.com.br](mailto:ctarcitano@yahoo.com.br)



*Instituto de Homeopatia James Tyler Kent*

*Rio de Janeiro*

[www.ihjtkent.org.br](http://www.ihjtkent.org.br)  
[ihjtkent@alternex.com.br](mailto:ihjtkent@alternex.com.br)

---

A concepção aristotélico-tomista na homeopatia, apresentada por Masi Elizalde, considera a imaginação como o ponto de partida para a compreensão do que está na origem da enfermidade humana: a psora primária. Masi mostra como Hahnemann indica, no parágrafo quinze do *Organon*, a presença da alma vegetativa na enfermidade humana o que nos remete naturalmente ao parágrafo nove permitindo que se perceba uma concepção de alma que configura a compreensão aristotélico-tomista que se confirma com outros pontos de toda sua obra quando mostra a articulação entre o alcance dos altos fins da nossa existência com a aproximação de Deus. A identificação destas três partes da alma humana na homeopatia faz com que a metodologia de Masi Elizalde tenha um nexos que se fortalece quando se observa o papel que tem a imaginação tanto no processo da enfermidade quanto no da saúde. O estudo das patogenias dos medicamentos da matéria médica homeopática mostra que ela apresenta um papel e uma influência na ação humana que promove e justifica a ligação entre as sensações, as percepções, desejo e o pensamento que permitirão a ação em si. Considerando-se os miasmas defensivos, vemos que, ao agir, o homem estará sofrendo uma interferência direta do conteúdo de sua imaginação dimensionada e qualificada pelos sintomas de sua angústia existencial. Isto permitirá uma ação defensiva que significa que a parte sensitiva da alma estará dominando a racional. Masi nos parece conclusivo quanto ao papel da imaginação na ação humana quando nos diz que

O que ocorre então? Tudo o que eu adiro do mundo exterior tem que passar por esse filtro: o filtro da imaginação. E aí temos a psora, ou seja, aí está a mancha. Se o elemento do mundo exterior não tem nada a ver, do ponto de vista simbólico, com a minha mancha particular, passa a ser considerado de forma objetiva pelo meu intelecto, desperta os movimentos de minha vontade e fica guardado na minha memória racional. Mas se o elemento exterior, do ponto de vista simbólico tem que passar não por aqui, que está livre, mas pela zona da imaginação, que contém a mancha da minha psora primária, eu ofereço ao intelecto uma imagem deformada da realidade. Então, não é a parte racional que está doente, mas ela está recebendo dados equivocados<sup>1</sup>.

O estudo da imaginação ganha peso à medida que se poderá entender a maneira pela qual esta parte da alma sensitiva estará proporcionando uma ação que poderá estar definindo, pela sua intencionalidade, a saúde ou a enfermidade. Este

---

<sup>1</sup> ELIZALDE, M. Antropologia Tomista In: IHJTK. *Masi Elizalde – Homeopatia Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Luz e Menescal, 2004. p 141 – 174. p 149 – 150.

Conrado Tarcitano: Imaginação e ação humana na concepção homeopática aristotélico-tomista:  
a compreensão da psora primária

entendimento poderá ser encontrado no papel que a imaginação apresenta na ação humana. Encontramos em Aristóteles uma compreensão da maneira pela qual a imaginação vai interferir na ação humana de maneira tal que poderá permitir uma ação equivocada em relação à realidade ou não. Em sua obra *Ética a Nicômaco*<sup>2</sup>, ele nos mostra que a ação tem a participação de três elementos da alma, sem os quais ela não se dá quando nos explica que

São três coisas que têm o poder de comandar a alma humana na ação e na verdade: a sensibilidade, o pensamento e o desejo<sup>3</sup>.

A direção que a alma humana cursa no sentido da ação e da verdade sofre, então, o comando destas três instâncias. Com relação à sensibilidade, pode-se entender a ação a partir da percepção do que existe ao nosso redor e *falando mais apropriadamente, qualquer capacidade que os animais vivos possuam para obter informações relativas do mundo exterior – entrando em contacto com, e por isso sendo suscetíveis à comida, aos inimigos, aos companheiros*<sup>4</sup>. Ao nos falar que tudo que se adquire do mundo exterior tem que passar pela imaginação, Masi Elizalde dá relevância à percepção do que está a nossa volta fazendo com que as sensações ganhem destaque neste processo que nos permitirá perceber uma ação que seja de acordo com a saúde ou relativa à enfermidade. O pensamento, sendo considerado como elemento também importante para a ação, nos remete ao espírito dotado de razão que possibilitará escolhas e julgamentos que poderão ser feitos em relação ao que é bom ou mau. O pensamento, então, surge como ponto final do papel que a alma humana apresenta na ação e será definitivo para que se determine o fim a ser alcançado, considerando-se a intencionalidade da ação. Isto nos remete ao parágrafo nove de Hahnemann onde fica claro que a saúde e a enfermidade estão na dependência de uma harmonia entre sensação e pensamento para que o espírito dotado de razão permita que se alcance os mais altos fins da nossa existência. Ao falar do desejo, abre-se um flanco para o estudo do movimento, por ele gerado, que o homem faz para atingir um fim. Tal movimento deve ser entendido como uma inclinação que o homem tem em direção a alguma coisa,

---

<sup>2</sup> ARISTOTE. *Nicomachean Ethics*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1999. A partir daqui será designada como EN.

<sup>3</sup> EN 1139 a 18 - 20. Todas as referências ao texto de Aristóteles serão baseados nesta edição da *Ética a Nicômaco*. As traduções do grego foram feitas pelo autor cotejando esta e as demais traduções presentes na bibliografia sempre da forma mais literal possível.

<sup>4</sup> KAHN, C. *Sensation and Consciousness in Aristotle's Psychology*. In: BARNES, J. MALCOLM S., SORABJI, R. *Articles on Aristotle*. New York: St. Martin's Press. 1978. p 1 - 31. p 3.

mas que necessariamente não precisa ser seguida. Visto nesta dimensão, o desejo poderá ser persuadido e se dirigir a uma ação boa quando está sendo direcionado a uma ação equivocada. Aristóteles defende a educação das paixões para que as ações possam ser realizadas de maneira adequada. Isto significa que a parte sensitiva – irracional – da alma deve estar em conformidade com a racional. Esta compreensão nos remete novamente ao parágrafo nove que mostra tal importância tanto para a saúde quanto para a enfermidade. Assim, sensibilidade, pensamento e desejo mostram-se articulados de tal forma que comandam a ação humana permitindo que o homem possa agir de maneira tal que seja de acordo com sua psora primária em latência ou em atividade, isto é, de acordo com um miasma defensivo ou não. Tal comando permite-nos inferir que há uma relação indissolúvel entre a sensibilidade, o pensamento e o desejo na ação humana. Para Aristóteles a ação humana se dá de duas maneiras: a primeira, pelos extremos que são compatíveis com as atitudes defensivas. A outra é aquela que ocorre pela justa medida que pode ser considerada como aquela que ocorre com psora primária latente. A compreensão da justa medida já dá uma dimensão de individualidade à ética aristotélica na medida em que para ele a virtude, ou seja, a justa medida é relativa a quem age, isto é, ao que é possível a cada um ser justo nas suas ações. A participação da sensibilidade na ação humana ganha forma como surge no *De Anima*, quando o autor deixa claro que

A percepção dos objetos próprios é sempre verdadeira e é uma característica dos animais vivos, mas é possível pensar falsamente, e pensamento não pertence a nenhum animal que não tenha o poder de raciocínio<sup>5</sup>.

Podemos, assim, compreender que há uma possibilidade, no âmbito da paixão, de o homem pensar falsamente, ou seja, num julgamento equivocado, considerar algo como bom. Isto torna clara a proposta de Masi Elizalde, pois é a percepção do mundo exterior que, considerada verdadeira, chega a uma vontade racional que determina escolhas e julgamentos que conduzem uma ação à um fim. Masi mostra que a ação humana é definida pela imaginação e se dará de forma objetiva quando não tem nada a ver com a mancha da psora. Entretanto, se esta vontade racional vier pelo ponto que contem a psora primária haverá a formação de uma imagem deturpada da realidade o

---

<sup>5</sup> ARISTOTE. *On the Soul*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1995. 427 b 13-15. A partir deste ponto será designada como DA.

Conrado Tarcitano: Imaginação e ação humana na concepção homeopática aristotélico-tomista:  
a compreensão da psora primária

que explica a ação equivocada. Masi ressalta que não é a parte racional da alma que está doente, mas apenas recebe dados falsos. Isso nos leva a buscar a maneira pela qual a imaginação estará interferindo neste processo. Torna-se importante a busca de uma compreensão sobre o que faz com que, a partir de uma percepção que é sempre considerada verdadeira, o homem chegue a um pensamento possivelmente falso, conduzindo-o a uma ação que o distancie de uma ação correta. Na seqüência do *DA* Aristóteles nos fala que

Imaginação é diferente de sensibilidade e pensamento, sendo que ela não surge sem a percepção, e sem imaginação não há julgamento<sup>6</sup>.

Aristóteles coloca a imaginação em uma hierarquia que faz com que tanto a sensibilidade quanto o julgamento a ela estejam, de certa forma, submetidas. Se a ação humana não pode prescindir da percepção nem do pensamento, não deixamos de observar que a imaginação está na base de ambos. É possível compreendermos que há a possibilidade de um julgamento falso quando se entende equivocadamente algo como bom. No desejo de alcançar um fim, o homem poderá estar vivenciando um engano, acreditando que está agindo corretamente, e tal engano lhe é permitido pelo que sua imaginação lhe dita. Misturam-se o fim bom por si mesmo e aquele que é determinado pelas suas paixões. Há, portanto, uma contaminação desta paixão desejosa na deliberação sobre meios para a ação.

O terceiro pilar ao qual a ação humana está ligada é o desejo. Na escolha de um fim a ser alcançado está implícito que ele deve ser desejado, tornando-se o objeto de desejo. Desejar algo significa que se faz um movimento em direção ao que consideramos bom, ao que nos é agradável. Também desejamos o afastamento de algo que consideramos mau para nós – o que faz com que o nosso desejo, em última instância, esteja na base de todas as nossas ações, pois é a partir dele que um fim poderá ser escolhido ou não, desde que desejado ou não. Aqui surge novamente a imaginação como base deste movimento que o homem faz como nos explica Aristóteles ainda no *DA* quando afirma que

Todos os seres vivos são capazes de desejo e são capazes de movimento próprio; mas não são capazes de ter desejo sem fantasia e toda fantasia envolve tanto deliberação quanto sensibilidade<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> *DA*, 427 b 14.

<sup>7</sup> *DA*, 433b28-31.

Conrado Tarcitano: Imaginação e ação humana na concepção homeopática aristotélico-tomista:  
a compreensão da psora primária

Entendemos que a imaginação seja, possivelmente, o elo que permite a ligação entre sensibilidade, pensamento e desejo. A imaginação é a articuladora da sensibilidade, do pensamento e do desejo no comando da alma humana em suas ações, as quais implicam desejo, que, colocando o homem em movimento, o faz sair em busca daquilo que lhe é bom, conveniente, e também o afastará daquilo que considera como ruim, nocivo. Vimos que a percepção é sempre verdadeira e o pensamento, pode ser falso e, como consequência, uma ação pode ser equivocada. O que se pode entender neste caso é que algo está sendo considerado como bom de maneira errônea. É importante, para que tal processo seja pelo menos equacionado, que se faça uma investigação sobre a imaginação, pois, sendo um denominador comum entre os participantes da alma que realizam uma ação, certamente poderá estar influenciando a escolha do fim e conseqüentemente a deliberação sobre meios para alcançá-lo.

A ação pode ser compreendida a partir do papel que a imaginação apresenta na formação de um pensamento, de um julgamento. Se anterior a ela há a sensibilidade, posteriormente surge o desejo e o pensamento. Ao perceber algo como verdadeiro a alma humana forma imagens que ficam alojadas na imaginação, que ali se formam e ficam guardadas, as quais são responsáveis pela formação do pensamento, por tornarem-se agora inteligíveis. As imagens vão constituir o pensamento, o julgamento, mas, antes disso, passam pela esfera do desejo, pois é este pensamento que já estará efetivando uma ação, uma escolha. O desejo de algo bom ou o afastamento de algo ruim está implicitamente ligado ao que as imagens estão ditando, ou seja, a noção do que é bom ou ruim é gerada pela imagem formada na fantasia a partir do sensível. Entendemos que a compreensão de todo este processo dá base para compreensão do que Masi Elizalde nos fala sobre o que ocorre quando diz que *o elemento exterior, do ponto de vista simbólico tem que passar não por aqui, que está livre, mas pela zona da imaginação, que contém a mancha da minha psora primária, eu ofereço ao intelecto uma imagem deformada da realidade*<sup>8</sup>. Entretanto, não temos claro em Aristóteles, até este momento o que faz com que apareça uma determinada emoção frente ao objeto observado. A compreensão da alma humana na obra de Aristóteles dá base para a proposta de Elizalde, entretanto é esta que permite o entendimento sobre a peculiaridade da ação humana que o filósofo grego deixa claro em sua obra, pois não prossegue nesta investigação. Instiga-nos

---

<sup>8</sup> Ver nota 3.

buscar entender o que poderá fazer com que isto ocorra, principalmente por sabermos que esta avaliação, do bom ou ruim, apresenta um caráter puramente pessoal, como Aristóteles nos lembra quando, na *EN*, nos diz que o que agrada a um pode não agradar a outro<sup>9</sup> e que se pode temer coisas diferentes<sup>10</sup>. E é mais específico ao falar que muitas vezes gostamos mais de uma coisa ou de outra em relação a outro indivíduo, ou seja, algo que é considerado bom pode ser avaliado em intensidades diferentes por pessoas distintas. Desta forma, entendemos que as imagens ali formadas são compatíveis ou não com o que está a nossa volta, na medida em que poderão formar um pensamento desconexo em relação ao que é percebido. A ação correta é aquela que surge decorrente da formação de uma imagem verdadeira em relação ao objeto sensível. Ao contrário, se o homem é capaz de realizar um pensar falso, como consequência também poderá agir dessa mesma maneira. Nesse caso, sem atingir a justa medida, mas os extremos desta, o que o afastará da virtude. Fica reforçada a relação entre a ação virtuosa, ou seja, pela justa media com aquela relativa à psora latente enquanto que as ações dos extremos, ou seja, as não virtuosas, relacionadas com a psora terciária. Entretanto, mesmo quando o pensar é falso e a ação é equivocada, o homem poderá afirmar ser sua ação correta, acreditando verdadeiramente nisto, sem conseguir entender seu equívoco. A projeção da psora primária no meio permite a compreensão da justificativa que o homem faz para suas ações que, equivocadas, são, por ele, consideradas corretas. Entendemos que isto ocorre porque a base de sua ação está no sentir, que é sempre verdadeiro. É esta relação que se dá de maneira equivocada gerando tal situação. Ainda sobre a imaginação, Aristóteles oferece uma compreensão mais clara quando faz uma divisão na imaginação classificando uma como sensível e a outra como deliberativa quando explica que *a imaginação deliberativa é subjacente nos animais que raciocinam*<sup>11</sup>. Esta particularidade da imaginação, que Aristóteles nos aponta, permite que uma compreensão do que ocorre neste processo ao falar das manifestações da alma humana o que nos faz observar uma coerência com o conteúdo da imaginação. Ele nos diz que a alma possui três manifestações distintas: as emoções, as faculdades e as disposições<sup>12</sup>. Define as emoções como sendo, de um modo geral, os sentimentos que

---

<sup>9</sup> EN 1118 b 8 – 16.

<sup>10</sup> EN 1115 b 7 – 11.

<sup>11</sup> DA, 434 a 7.

<sup>12</sup> EN 1105b20-1106a.

são acompanhados de prazer ou sofrimento, elencando as emoções que nos dão prazer e dor: desejo, raiva, cólera, medo, confiança; inveja, alegria, amizade, ódio, rancor, aversão, o desejo por algo afastado, ausente, saudade, ciúme, pena, o sentir-se miserável.

As faculdades significam as inclinações em virtude das quais dizem que somos capazes de sentir as emoções. As disposições significam os estados da alma em virtude dos quais estamos bem ou mal em relação às emoções. Pelas definições que Aristóteles nos fornece, podemos entender que são as faculdades, pertencentes à alma sensitiva, que compartilhamos com os demais animais. Entretanto, são as disposições que parecem definir, em relação ao objeto observado, o que é bom ou mal para cada um de nós, na medida em que a imagem contida na imaginação, ao ser evocada da memória, virá naturalmente acompanhada da emoção por ela gerada. Aqui surge uma questão que a nosso ver torna-se uma incógnita na obra aristotélica. Partindo de uma afirmação dele e já citada anteriormente, de que uma mesma coisa pode ser agradável a duas pessoas ou mais, mas em intensidades diferentes e que algo pode gerar medo em uma pessoa e não em outra, consideramos que tais emoções podem ser universais em suas definições, entretanto, são peculiares a quem as sente em relação a um determinado objeto. É neste ponto que nos parece que Aristóteles não prossegue em sua investigação da alma humana, pois ele não nos oferece uma saída clara para tal questão. Apesar de reconhecer esta peculiaridade do homem em relação às suas emoções, não avança na possibilidade de compreensão de como isto se dá. Quando nos diz que a disposição nos permite estar bem ou mal em relação a uma emoção, abre um flanco de compreensão em relação às disposições que, de certa forma, nos permitem avaliar se algo é bom ou mal, pois é ela que vai dizer como estamos em relação à emoção sentida frente a um objeto sensível, na medida em que este objeto nos traz uma imagem que já vem acompanhada de uma emoção e é esta que peculiariza quem a sente.

Se pelas faculdades podemos vivenciar as emoções, pelas disposições podemos saber aquilo que nos agrada, que tememos, que nos desagrada, que nos é nocivo ou útil. Uma vez que há uma peculiaridade na maneira de cada um vivenciar uma emoção frente a uma experiência, podemos abrir uma possibilidade de compreensão de que há algo de pessoal na disposição que temos frente a uma emoção. Surge uma questão: O que irá determinar em cada um esta peculiaridade que Aristóteles nos aponta? Parece-nos que a

imaginação apresenta relevância neste processo, pois além de ter o papel de enviar imagens ainda no nível sensitivo para que se tornem inteligíveis, poderá influenciar no aparecimento de uma emoção que acompanha cada uma das imagens. Aristóteles parece não avançar neste ponto mesmo tendo se dado conta deste fato. Entretanto, julgamos importante que a imaginação seja retomada como objeto de estudo, já que ela tem o conteúdo de algo que nos peculiariza em nossas ações.

Quando um objeto é considerado bom, o desejo, agora presente, vinculado à imaginação – que por sua vez depende da percepção – faz surgir o movimento para que se vá em busca disto que consideramos bom. Ao contrário, se achamos que ele é ruim, nos afastaremos. Não se admitirão obstáculos que nos impeçam de alcançar o que é bom nem que nos impossibilitem de fugir do que é mau.

Agir é antes de tudo saber lidar com nossas emoções. Por isso, há a necessidade de um grande esforço para alcançarmos a forma correta para agirmos, até porque esta não é em relação ao objeto, mas é em relação a nós<sup>13</sup>. Trata-se do lidar com o que poderá ser o prazer ou o sofrimento a partir da vivência de uma emoção que nos fará agir em direção ao que seria a virtude. As disposições da alma nos trarão o inconformismo necessário para que se possa sentir prazer ou sofrimento frente a uma situação e o desejo implícito neste binômio colocará o homem em movimento na direção daquilo que considera bom. Isto vem explicar a Dinâmica Miasmática que, na proposta de Masi Elizalde, permite, com a intencionalidade das ações, se entender o sofrimento do homem que, quando está exposto, pode ser compreendido a partir de suas ações defensivas. As emoções, guiadas pelo prazer e pelo sofrimento, fazem as ações transitarem entre extremos quando na psora vigente, mas possibilitando a ação adequada quando em psora latente. Este pensamento fica bem marcado quando Aristóteles nos diz que *está no prazer e no sofrimento que experimentamos a percepção para nossa inclinação ao erro*<sup>14</sup>. Mais uma vez, Masi Elizalde encontra corroboração de sua proposta em Aristóteles, mas reforçamos que é a compreensão da psora primária que possibilita um entendimento que de peculiar existe na ação humana.

Há, pelo que se pode observar, uma peculiaridade na maneira pela qual se vive uma emoção frente a um objeto sensível ou uma situação que nos demande ação. A

---

<sup>13</sup> EN, 1106 b8-9.

<sup>14</sup> EN, 1110b18.

emoção sentida a partir de uma imagem presente na imaginação é particular a cada um. Aristóteles considera que há certa dificuldade de se chegar à justa medida, por ser algo de caráter puramente pessoal, isto é, característico a cada um.

Desta forma podemos considerar que sem a imaginação não poderia haver a ação humana. A imaginação exerce o papel de articuladora das instâncias da alma que comandam a ação humana, o que a torna imprescindível para que o homem faça escolhas, julgue, delibere e aja. E ela faz isso possibilitando que tanto a sensibilidade, o pensamento e o desejo atuem para que ocorra a ação humana. Caso contrário o homem estaria impossibilitado de exercer sua função, que é este exercício constante de buscar aquilo que é bom para ele.

Entendemos que a influência que a imaginação exerce na ação humana se dá na dimensão da emoção que ela gera junto à imagem nela contida. E aqui vemos que esta influência não se dá com sua responsabilidade de maneira isolada, mas na dependência das disposições frente à emoção vivida. Deste modo, a imaginação vai influenciar diretamente a escolha do homem, bem como seus julgamentos e deliberações, pois as emoções que dela surgem darão satisfação ou dor permitidas pela disposição da alma. Como o próprio Aristóteles nos diz, agir pela justa medida não é uma tarefa fácil, mas, mesmo concordando com o autor, consideramos que uma atenção às nossas emoções e à sua justificação ou não em relação ao que vivemos pode nos tornar mais aptos para a ação virtuosa.

A influência que a imaginação exerce sobre a ação humana está presente na medida em que o sensível, o pensamento e o desejo apresentam um nexo que é dado pelo conteúdo da imaginação. Podemos, a partir daí, considerar as sensações descritas sempre verdadeiras e deverão ter continuidade formando pensamentos coerentes com a percepção do mundo exterior. Entretanto, outras sensações, também consideradas verdadeiras não irão configurar pensamentos que apresentem esta veracidade pois estarão determinando ações equivocadas pois as emoções geradas pelas imagens contidas na imaginação não apresentarão a coerência com o mundo exterior o que vai determinar uma ação em desconformidade com o que é observado no mundo exterior.

## BIBLIOGRAFIA

### HAHNEMANN

HAHNEMANN, S. *Organon da Arte de Curar*, Trad. GEHSP “Benoit Mure”, 3.ed, São Paulo: Servideias, 2002.

\_\_\_\_\_, S. *Escritos Médicos Menores*, Trad. Fernando Dario François Flores, New Delhi. B. J. Publishers, 1996.

\_\_\_\_\_, S. *Escritos Menores*. Trad. Tarcizio de Freitas Bazílio. São Paulo: Organon, 2006.

### MASI ELIZALDE

ELIZALDE, M. *Concepto de Enfermedad y Cura*. Buenos Aires: Actas del Instituto de Altos Estudios Homeopáticos James Tyler Kent, nº I a VIII 1984 – 1988.

IHJTK. *Masi Elizalde – Homeopatia Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Luz e Menescal, 2004.

\_\_\_\_\_, M. *Riflessioni Omeopatiche*. Genova: De Ferrari Editore, 1990. v 1

\_\_\_\_\_, M. *Riflessioni Omeopatiche*. Genova: De Ferrari Editore, 1990. v 2

GAVA, R. e ABBATE, A. M. *L’Esperienza, la Técnica e la Metodologia di Studiio e di Cura Omeopatica delle Malattie Croniche di Masi Elizalde*. Padova: Salus Infirmorum, 2001.

### ARISTÓTELES

ARISTÓTELES. *Acerca Del Alma*. Trad. Tomás Calvo Martínez. 2. ed. rev. Madrid: Gredos, 1983.

\_\_\_\_\_. *De l’âme*. Trad. J. Tricot. Paris: Vrin, 2003.

Conrado Tarcitano: Imaginação e ação humana na concepção homeopática aristotélico-tomista:  
a compreensão da psora primária

\_\_\_\_\_. *De l'âme*. Traduit par E. Barbotin. Paris: Belles Lettres, 2002.

\_\_\_\_\_. *Éthique à Eudème*. Trad. Vianney Décarie. Paris: Vrin, 1997.

\_\_\_\_\_. *Éthique à Nicomaque*. Trad. et presentation par Richard Bodéüs. Paris: Flammarion, 2004.

\_\_\_\_\_. *Éthique à Nicomaque*. Traduit. par J. Tricot. Paris: Vrin, 1997.

\_\_\_\_\_. *Éthique à Nicomaque*. Trad. J. Hardy. Paris: Gallimard, 1996.

\_\_\_\_\_. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. 3. ed. Brasília: Edipro, 2002.

\_\_\_\_\_. *Nicomachean Ethics*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *On the Soul*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

## OUTROS TEXTOS

BROADIE, S. Philosophical Introduction. The Chief human good. In: *Aristotle, Nicomachean Ethics*. Translation, Introduction and Commentary by Sarah Broadie. New York: Oxford University Press. 2002.

CANTO-SPERBER, M. Mouvement des animaux et motivation humaine, dans le livre III du *De Anima* d'Aristote. In: \_\_\_\_\_. *Éthiques Grecques*. Paris: Quadrifage, 2001. p. 263-322.

CASTORIADIS, C. A Descoberta da Imaginação. In: \_\_\_\_\_. *As Encruzilhadas do Labirinto*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. v. 2. p. 335-377.

GOURINAT, J.B. Syllogisme pratique et logique déontique. In: LAKS, A e RASHED, M (editores). *Aristote et le mouvement des animaux*. Lille: Septentio, 2004. p 27 – 66.

KAHN, C.H. Sensation and Consciousness in Aristotle's Psychology. In: BARNES, J., SCHOFIELD, M., SORABJI, R. *Articles on Aristotle*. New York: St. Martin's Press, 1979. p 1 – 31.

KAKAITZIDIS, P. Imagination et imaginaire chez Aristote. *Revue de Philosophie Ancienne*. Paris, n° 1, t ix, 1991. p 3 – 58.

LABARRIÈRE. Désir, phantasia et intellect dans le *De Anima* III, 9 – 11. Une réplique à Monique Canto Sperber. *Les Etudes Philosophiques*. Paris: puf, 1997. p 97 – 126.

Conrado Tarcitano: Imaginação e ação humana na concepção homeopática aristotélico-tomista:  
a compreensão da psora primária

LEFEBRE. La phantasia chez Aristote: subliminalité, indistinction et pathologie de la perception. *Les Études Philosophiques*. Paris, Puf, 1997. p 41 – 58.

RODRIGO, Pierre. Comment Dire La Sensation? Logos et Aisthèsis en De Anima III, 2. In: *Études Phénoménologiques*, Bruxelles, n 16, p.47-78,1992.

SCHOFIELD, M. Aristotle on the Imagination. In: BARNES, J., SCHOFIELD, M., SORABJI, R. *Articles on Aristotle*. New York: St. Martin' s Press, 1979. p 103 – 132.